

# **A materialidade da linguagem de Noll, em *Anjo das Ondas***

Maria Aparecida Junqueira  
PUCSP

**Resumo:** Este texto reflete sobre a escritura suspensa de João Gilberto Noll, em *Anjo das Ondas*. Busca as verdades inverossímeis do protagonista, assim como a fluidez das formas, quase sem formas, nas ondas. Fala da identidade precária de um narrador em busca de si mesmo, entre os mundos infantil e adulto, cuja consciência se faz por trajetos que se cruzam em territórios pouco fixos. Tenta apreender a mobilidade do ser e da linguagem, a qual é resgatada na escrita, na cor, no traço do desenho, evidenciando possíveis choques entre realidade e ficção. Noll encena a linguagem da poesia na prosa.

**Palavras-chave:** João Gilberto Noll. Escritura. Identidade.

**Abstract:** *This text reflects on the suspended scripture of João Gilberto Noll, in Anjo das Ondas. It looks for the improbable truths of the protagonist, as well as for the fluidity of the forms, almost without forms, in the waves. It talks about the precarious identity of a narrator in search of himself, between the childlike and adult worlds, whose conscience is done by paths that cross each other in not much fixed territories. It tries to apprehend the mobility of the being and of the language, what is rescued in the writing, in the color, in the aspect of the drawing, showing possible shocks up between reality and fiction. Noll stages the language of the poetry in the prose.*

**Key-words:** *João Gilberto Noll. Scripture. Identity.*

“Tinha o mesmo sinal do pai na face. Aos pingos de suor o guri dava cambalhotas e sorria para tudo e para nada. Uma bem-aventurança lhe aflorava aos lábios e ele não esboçava nenhuma intenção de dissolvê-la” (p.13). Assim começa o romance de João Gilberto Noll (2010), *Anjo das Ondas*, deixando ver algo indefinido no futuro incerto. Todavia, marcado tensamente pelo desejo adolescente a mover sonhos, encantamentos e miragens, fiados entre a rotina inalterável do dia a dia.

Um menino encena a vida em formação, carimbando, mais uma vez, a literatura de Noll com um protagonista inquieto, solitário, em busca de raízes, frente a uma realidade que lhe

é difusa: “ (...) só mesmo seu cérebro para escrever do lado avesso o roteiro febril de suas peripécias” (p. 16). Linhas móveis do narrar e do desenho expandem-se na cor azul entre um delírio e outro, e, ora por vez, fazem o menino aterrisar quando “adivinava que o mundo não comportava mais aquela excitação sem fundamento” (p.15).

É em linha híbrida e incerta que a narrativa se constrói e vai confirmando o domínio e uma qualidade da “forma” em Noll. Pode-se perguntar: como flagra a linguagem em tramas e dramas? Afirma-se a força imaginativa e a memória inventiva, que se desdobra na trajetória, na caminhada da personagem. No avanço da jornada revela o despreendimento das coisas, em troca da contemplação de si, do outro, do reencontro do afeto, vislumbrados nesse desconhecido caminhar. João Gilberto Noll é desses autores que pensa a linguagem e mostra a tensa travessia do ser. Sua literatura é de luta para iluminar o drama humano. Como fazer isso sem complacência e atingir as raias daquilo que as coisas são?

Em 2003, em entrevista a Ubiratan Brasil, Noll acentuava sua nova tendência: um “franco hibridismo entre a prosa e a poesia. Uma utopia da linguagem. No próprio ‘querer’ a literatura além dos gêneros”. Atento à pressa do homem hoje, indaga sobre a “locução que dê conta de tudo ao mesmo tempo, (...) de fazer da literatura quase que uma arte espacial, plástica, em que convivam numa só sentença a sua negação e afirmação, o tempo passado, presente e futuro etc, etc”. Noll quer revelar histórias inscritas na ficção, a mostrar que a “literatura é uma fricção com o real, mas para nele tentar novas aproximações, novas produções de sentido”. Essa nova tendência, entretanto, Noll já a esclarece, em entrevista a Ronaldo Bressane (2000), quando lhe é perguntado sobre a carga imagética em sua escrita:

Mas isso que você chama de imagético eu chamo também de pele da linguagem. [...] Alguma coisa ligada à fome de beleza [...]. Estou querendo cada vez mais esse hibridismo – prosa e poesia – mas que não seja aquela prosa poética um pouco engalanada, que não me interessa. [...] Claro que esta busca pela beleza não passa pelo ideal clássico, cadavérico, [...] mas uma beleza que seja furiosa, que seja até deselegante, horrorosa, feia. A literatura não é um documento naturalista. A gente tá empapuçado de naturalismo. E a literatura necessita de uma transfiguração estilística.

É operando a pele da linguagem que João Gilberto Noll, em *Anjo das Ondas*, transfigura a literatura, ultrapassando aquela engalanada e naturalista. Noll suspende o fluxo da narrativa e embala o narrar em tom lírico, poetizando o acontecimento contado: “Que o mundo lá fora continuasse em sua rotina, com as rodas rodando, [...] o certo é que naquele beijo havia um não sei quê de eternidade, [...], um simples beijo, mas com o calor da linhagem humana aspirando à permanência do deleite, sim, e ao assombro diante de tanta inserção de um no

coração do outro” (p. 23). A sua escrita nos apresenta um sujeito que dilui as fronteiras entre o eu e o mundo, perturbando a funcionalidade das coisas cotidianas, e revelando uma dilatação entre a ficção e o real. Aí vai concretizando a “beleza deselegante”, a beleza não-convencional e que está atada a um gesto amoroso na e com a linguagem.

Essas aproximações com o real de que fala Noll, ganha em sua literatura uma visada singular. Seus protagonistas são seres ora desadaptados da sociedade voltada ao lucro, ora se inserem numa sociedade provável, todavia não abandonam a instabilidade no horizonte. Tal instabilidade se materializa na escrita suspensa de Noll, por meio de um pulsar estético consciente, que solicita, dentro do seu tempo, uma suspeição de identidade, por exemplo, ou uma mistura de imaginação e memória imbuídas ambas de um desconcerto vital, próprio da arte. Posiciona-se assim o protagonista de *Anjo das Ondas*, segundo o narrador:

Nos horários em que o rapaz aterrissava das viagens para enfrentar o dia a dia, essas figuras inefáveis se ocupavam de alguma coisa com jeito de cômico motim, tão só para não se entediarem, já que o tempo vago entre um delírio e outro dava-lhes uma sensação oca, sem remédio à vista (p. 16-7).

O personagem-narrador, por sua vez, nos seus quinze anos, procura uma coerência estruturante para a vida, que a linguagem de *Anjo das Ondas* vai mostrando em momentos feitos de desvelamentos e ocultamentos, como na pergunta que se faz ao observar o pai: “Quem era ele afinal? Seria eu o seu pai?” (p. 84), ou então na que faz olhando ainda mais para si mesmo: “Eu conseguiria também um dia adivinhar a potencialidade de um instante e então atacá-lo para lhe arrancar o que em mim carecia?” (p. 87). Essa parece ser uma constante das personagens de Noll: como fazer, a cada instante, a essência do humano, como apreender o gesto impossível e exato da vida?

O protagonista de *Anjo das Ondas* busca esse gesto. O sonhar – força poderosa – é o gesto possível a preencher o vazio do real, sempre aquém. A carência de coisas, a indigência humana, o impasse com o real, são transfigurados pelo narrar. É nesse sentido que a literatura de Noll se materializa como terreno de liberdade e oferece ao protagonista vida em potência:

De onde vinha a letargia que lhe fazia sonhar? Ele adormecia com a cabeça no braço da poltrona. Dormindo ele sentia o cheiro de seda do vestido da avó, um cheiro que lhe lembrava o da mãe, filha daquela cantora de canções de Schubert, essa que exalava agora um cheiro levemente rascante e que involuntariamente passava as unhas no tecido, fazendo o neto sofrer um arrepio (p. 29).

Do protagonista, sabe-se que completou 15 anos em pleno Atlântico. Vastidão de mar e céu. O indefinido. O desejo o move entre dois países, duas cidades, duas casas, dois lares;

um terceiro, a rua, a vastidão de novo. Em viagem interna e geográfica o menino “contempla” o desconhecido e vai conhecendo e se conhecendo, sem complacência, todavia. O menino realiza uma experimentação subjetiva. A negação do espetáculo faz-se aqui pela condição do eu em situação de precariedade, quase nú, quase sem identidade, a não ser a certeza do eu que se busca em errância, caminhando entre sonho e realidade, por entre lugares, onde o corpo se expressa e se mostra, encurtando distâncias entre o eu e um outro. É ele quem afirma: “...a vida era como era, um itinerário sem guia, para se chegar enfim à ferida-flor de uma certa compreensão” (p. 33).

A cosmografia da página azul, o menino integrando o corpo ao mundo. A subjetividade do eu em drama, abraçar o mundo, estar com ele, nele. O sujeito depauperado busca um lugar, mesmo que a cada instante a pergunta se interponha: “É esse o meu lugar?” (p. 122). Na viagem e no contemplar, a resposta de Noll é que o sujeito se faz autor e ator de uma ação em que a arte e a vida se contaminam indistintamente. É nessa fusão de linguagem e vida, por meio de uma “colagem” de espaços, tempos e sensações, que os fragmentos geram sentidos e imagens inesperados, sempre suspensos na pele da literatura.

Noll faz de sua literatura um ato performático. O protagonista de *Anjo das Ondas* expõe seu corpo em ação, seu corpo é espaço de experimentação, de encontro. Noll busca traduzir para a escrita este corpo, projetar na própria linguagem um gesto amoroso, um ritmo que revele a beleza. Assim a linguagem se mostra:

Aproximei-me um pouco mais, precisava de passos largos, visto a pressa que ele parecia ter. Na canela havia um tigre, embaixo da figura tinha uma palavra, Gustavo. Gustavo eu me chamava também. Olhei-o numa pausa longa... Olhei-o olhando para mim próprio (...) De subito, sem que eu mesmo pudesse controlar, chamei seu nome, Gustavo! (p. 95).

O grito traduz em letras o nome – Gustavo –, a vagar no cósmo azul da página. Na adolescência dos 15 anos, ecoa o homem a procura de si. O protagonista ainda reflete:

Era ele, Gustavo, portando o meu nome. [...] Eu era o estranho de uma família ausente. Temia que meu amigo recentíssimo fosse também se apagar e me deixar sozinho num apartamento que eu não saberia gerir. [...] Olhando minhas unhas por cortar, um tanto sujas nas bordas, percebi que eu era eu e mais ninguém e que estava na hora de partir para longe dali. De partir para longe dali e de nunca mais voltar (p. 114-5).

Não interessa a Noll contar história, ele mesmo afirma em entrevistas que o que está em jogo em sua literatura é experimentar a linguagem, fazer com que a escrita se abra para o inesperado, reduzindo distâncias entre o protagonista e o leitor, promovendo uma comunhão. Tal experimentação, em *Anjo das Ondas*, ocorre, por exemplo, na indefinição entre narrador em

primeira pessoa e narrador em terceira pessoa ou mesmo na viagem, na travessia do ser, cujo encontro do eu consigo mesmo, está propício à (de)formação. Bem se sabe que a viagem está sujeita à instabilidades, à precariedade do percurso, e pode ainda ser atravessada pela errância. Certo é, ainda, que o protagonista é despojado, cruza - no azul - mar e céu, sabendo que a travessia é contínua e incerta.

A escritura é o que é a personagem na busca de si mesmo - errante. Há uma passagem da terceira pessoa para a primeira e da primeira para a terceira pessoa, no entanto, a passagem se faz em construção ou reconstrução de um eu que se questiona (ora se encontra, ora se perde) na errância que é a própria vida. Afinal, o encontrar-se se dá sempre com a pergunta: “Onde estou? [...] É esse o meu lugar?” (p. 122). Um lugar que também referencia mãe e pai e, em *Anjo das Ondas*, em particular, um terceiro referenciar - a avó, à qual afirma o protagonista:

Minha mãe cantava e naquela manhã eu era só ouvidos. Se gostava dela? Gostava, sim, não tão intensamente quanto da mãe dela, minha avó, que estava morta e agora padecia um pouco em mim ainda, principalmente nos finais de tarde, quando tecia comigo a conclusão do adeus prolongado que eu soubera lhe endereçar nos seus últimos anos (p. 34).

A errância como aprendizagem constante na vida do sujeito, de qualquer sujeito. Ou de um sujeito que, no desabrochar da vida, rica em imagens e imaginação, navega na crista da onda. Montanha alta de onde perscruta a vida e seu sentido.

Sair de Londres e vir para o Rio à busca de um desejo: o encontro com o pai e o encontro consigo mesmo. A doce aventura de si mesmo: “passaria a me ver como o pai de mim mesmo, aquele que me conduziria sem que eu mesmo percebesse” (p.61), ou, ainda, “ser o outro que em mim calava” (p.70). A travessia entre duas cidades, dois continentes, e o Atlântico: “Deslizava no sono como se numa rampa lisinha em que eu me deixava ir na minha infância infinita” (p. 65), assim Gustavo se fazia caminhante à procura de si e do outro, comprometido também com a fusão cósmica. O projeto gráfico de *Anjo das Ondas*, realizado por Kiko Farkas, materializa tal fusão na escolha das páginas azuis a entremear a narrativa e ao abraçar o livro antes da capa, compondo, todo o conjunto, um texto único.

História não há. Há lembranças, reminiscências de um tempo de infância, de adolescência, a penetrar na vida do narrador, do protagonista. Há a busca incessante do eu, a inquietação como mola da vida, da indagação de si, e a crença de que o homem nasce desse processo incerto, dessas errâncias e nelas funda a sua formação, diferente da formação do passado em erosão: “De novo olhou para trás, mas não viu nada nem ninguém. O passado parecia sofrer de erosão” (p. 25).

Pode-se, então, perguntar: como se dá a relação entre experiência e subjetividade num texto que se constrói por meio do cruzamento da prosa com a poesia, da ficção com o ensaio, e de uma possível autobiografia, cujo universo de formação desliza suavemente inquieto pela infância e vida adulta, organizado na tensão da linguagem, no transbordamento do sonho em realidade? Estar em Londres ou no Rio de Janeiro, em companhia da mãe ou do pai, o que muda?

O marco temporal é quase desfeito e os narradores transitam, principalmente na primeira parte da narrativa, convergindo-se para quase uma só pessoa. Tal como a mobilidade da onda, tudo em *Anjo das Ondas* está em fluxo, mas sem que a mudança se opere. Um mundo onde a experiência não se faz transmissível. O personagem narrador, então, não constrói um passado narrável, pois o presente, o agora, bloqueia-o. A viagem, a passagem, os encontros marcados pelos desencontros, desembocam em novo beco: “Onde estou?, indaguei. E, para a densa escuridão, agora, com uma sombra em movimento a poucos passos, eu perguntei, em trêmulo sussurro: É esse o meu lugar?” (p.122).

A personagem narradora, entretanto, excursiona o desconhecido, geográfica e corporalmente, mas sempre em deriva, sem ancorar na outridade. Cruzar o Atlântico não lhe traz libertação, não lhe tira do impasse. Deixar a mãe e vir ao encontro do pai não implica um salto de formação. Os fragmentos do passado não remetem o protagonista a vislumbres edificantes, mas somente a vazios, a nadas de identificação. Como dizem o narrador e o protagonista:

O rapaz se pôs então a olhar só para a frente, alheio à rala memória de sua infância e puberdade. [...] Eu estava com os braços estendidos sobre a mesa e o que me vinha à mente agora era eu cantando uma canção de ninar, a mesma que minha mãe cantarolava na minha verde infância. Me revia com os braços estendidos sobre a mesa, a sentir o sopro de minha mãe relatando certas evocações de um passado tão antigo que jamais poderia me hospedar (p. 25 e 34).

Noll parece suspender o tempo, deixando o antes e o depois sem progressão, meramente rasurado e sem importância.

Ao protagonista, todavia, cabe a tarefa de começar de novo. Um recomeço que pressupõe expansão: atravessar o beco, sair dele diferente, tornar-se outro. Um eterno recomeço que conduz o sujeito a dissolver-se na faticidade da experiência. A travessia não lhe oferece outridades que lhe garantam a identidade. Como afirma o protagonista:

Existiria sempre o outro ao lado de mim, a discutir ou emudecer. Se existissem dois corações, já teríamos aí duas identidades com um único sexo. [...] Talvez, num futuro pleno, em ambas as versões de um mesmo indivíduo, pudéssemos

contar com a cristalização de nossa identidade eternamente fraturada em duas (p. 119).

Oito partes separadas por dupla folha azul escuro com pequenas figuras a indiciar passagens narrativas, tornam-se respiros poéticos. Cores, formas, traços e imagens alimentam o imaginário da personagem narradora e do leitor. Há leveza. Quase um oceano cosmográfico por onde vagam formas simples. Noll busca a fusão da prosa com a poesia, transformando o modo de ser da prosa, buscando na linguagem sentidos, e por meio dela iluminar o drama humano. Assim, exala de *Anjo das Ondas* o desejo de se fazer amado, chegar ao outro, ao desejo do outro de modo inteligentemente sensível, para sempre chegar à própria falta.

Noll ilumina o caminho: uma imagem surfando na “crista marinha”, uma imagem navegando na imensidão azul cosmográfica da página:

Onde estou? (...) É esse o meu lugar? (p. 122).

## Referências

NOLL, João Gilberto. *Anjo das Ondas*. São Paulo: Scipione, 2010.

\_\_\_\_\_. Entrevista a Ubiratan Brasil, *O Estado de São Paulo*, em 27 de julho de 2003. Disponível em [http://www.joaogilbertonoll.com.br/entrev\\_mmc.htm](http://www.joaogilbertonoll.com.br/entrev_mmc.htm) Acesso em 21/08/2012.

\_\_\_\_\_. Entrevista a Ronaldo Bressane, *Revista A* (2000). Disponível em [http://www.joaogilbertonoll.com.br/entrevista\\_revista\\_a.htm](http://www.joaogilbertonoll.com.br/entrevista_revista_a.htm). Acesso em 21/08/2012.

**Maria Aparecida Junqueira**

---

Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária e dos Cursos de Letras e Especialização em Literatura da PUC-SP. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária, Literatura Brasileira e Portuguesa e Crítica Literária, com pesquisas e publicações em livros e revistas especializadas.

Email: [junqueirama@uol.com.br](mailto:junqueirama@uol.com.br)

*Enviado em 30 de dezembro de 2013.*

*Aceito em 20 de março de 2014.*